



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

ANA CAROLINA FERREIRA DUARTE

**KAGUYA-HIME NO MONOGATARI: UM PARALELO ENTRE O SILENCIAMENTO
DE KAGUYA E OS ABUSOS SOFRIDOS PELA MULHER MODERNA**

Brasília

2021

ANA CAROLINA FERREIRA DUARTE

**KAGUYA-HIME NO MONOGATARI: UM PARALELO ENTRE O SILENCIAMENTO
DE KAGUYA E OS ABUSOS SOFRIDOS PELA MULHER MODERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Wanderson Tobias Rodrigues

Brasília

2021

ANA CAROLINA FERREIRA DUARTE

**KAGUYA-HIME NO MONOGATARI: UM PARALELO ENTRE O SILENCIAMENTO
DE KAGUYA E OS ABUSOS SOFRIDOS PELA MULHER MODERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Língua e Literatura Japonesa.

Aprovada em ____ de _____ de 2021

BANCA EXAMINADORA

(Orientador): Prof. Wanderson Tobias Rodrigues
Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Kimiko Uchigasaki Pinheiro
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Yûki Mukai
Universidade de Brasília

“Às estrelas que ouvem e aos sonhos que são atendidos.”

Sarah J. Maas

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho não seria possível sem essas pessoas, por isso, gostaria de agradecer:

A minha família. Especialmente a minha mãe que é a mulher mais forte e guerreira que conheço. Sem ela e sem a fé que ela sempre colocou em mim, eu jamais teria chegado tão longe.

As minhas irmãs que sempre foram um modelo para mim.

Ao meu orientador Wanderson que aceitou esse desafio junto comigo e me guiou durante esse processo.

Ao meu companheiro Lucas que sempre me apoiou e me motiva nos meus piores momentos.

Ao Prof. Dr. Yuki Mukai que admiro tanto e que, por muitas vezes, me motivou durante a minha graduação.

Aos bons amigos que a Universidade me concedeu, Ranna, João, Jhennifer, Camila, Isabel e Hayolle.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação. Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

Através dos anos, a mulher tem gradativamente conquistado o seu espaço na sociedade. Entretanto, em meio à uma sociedade essencialmente machista, a mulher ainda precisa se provar dia após dia, lutando por seus direitos mais básicos, como viver e ser escutada. Neste trabalho, busco analisar a história contada no filme *Kaguya-hime no Monogatari* (かぐや姫の物語), do Studio Ghibli, ressaltando as diversas formas de violência sofridas pela protagonista durante o filme que levam ao seu silenciamento. A partir dessa explanação, faço um paralelo entre a sociedade aristocrática do período Heian e a sociedade moderna, levando em consideração conceitos como “patriarcado” e “estereótipos”, e analisando também as formas como essas violências ainda afligem a mulher moderna. A partir da reflexão sobre como essas violências se fazem presente na sociedade, sejam de maneiras físicas ou psicológicas, e utilizando conceitos como “violência simbólica”, é buscado salientar que, apesar de ser um conto antigo, a sociedade se comporta de maneira semelhante, ainda tendo uma visão de subordinação em relação às mulheres.

Palavras-chaves: Kaguya. Mulher. Patriarcado. Violência de gênero. Silenciamento.

ABSTRACT

Over the years, women have gradually conquered their space in society. However, amid an essentially male chauvinist society, women still need to prove themselves day and night, fighting for their most basic rights, as living and being heard. In this work, I aim to analyze the story told by Studio Ghibli's *Kaguya-hime no Monogatari* movie, highlighting the diverse ways of violence suffered by the main character throughout the movie, which lead her to silence. From the explanation, I intend to draw a parallel between the Heian Period aristocratic society and modern society, taking account of concepts such as "patriarchy" and "stereotypes", and also analyzing the way these kinds of violence continue to affect the modern woman. As the result of the reflections on how those violences happen to be part of society, both in physical or psychological manners, and using concepts such as "symbolic violence", it is aimed to point out that, despite being an old tale, society behaviors in a similar way and still has thoughts of subordination in what concerns women.

Keywords: Kaguya. Woman. Patriarchy. Gender Violence. Silence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Contexto histórico e o conceito de “mulher ideal”	10
2. AS FASES DE KAGUYA	11
O poder de repressão exercido por homens	20
3. KAGUYA E A MULHER CONTEMPORÂNEA	23
4. KAGUYA: UM CONTO ATUAL	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais a mulher tem se provado e conquistado o seu espaço na sociedade, sendo estas conquistas fruto de muitas reivindicações. Hoje, as mulheres podem dirigir, votar, trabalhar fora e desempenhar diversas atividades que, no passado, seriam impensáveis para elas. Entretanto, uma grande luta ainda se faz necessária em relação à igualdade de gênero no mundo, pois a mulher ainda sofre diversas formas de repressão e violência, sejam elas físicas ou psicológicas.

Assim, levando em consideração conceitos como “patriarcado” e “estereótipos”, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise do filme *O Conto da princesa Kaguya*, no original *Kaguya-hime no Monogatari*¹ (かぐや姫の物語). Utilizando a análise fílmica e revisão bibliográfica como metodologia, e através do estudo das situações e experiências às quais a protagonista é exposta durante o seu desenvolvimento na história, busca-se criar reflexões acerca de seu silenciamento. Por meio dessa análise, também serão levantados e discutidos alguns pontos que embasam a ideia de que a protagonista sofreu diversos abusos por parte da sociedade e de seu pai.

Como um dos objetivos específicos, é buscado discorrer sobre o Período Heian, momento histórico no qual o filme é narrado, explorando conceitos como o da “mulher ideal”, ideia de extrema importância para o período, e como isso refletia no papel da mulher na sociedade e as silenciavam. Em seguida, será feito um paralelo entre as violências sofridas pela personagem, seu silenciamento e a violência que a mulher contemporânea, residindo em uma sociedade essencialmente patriarcal e machista, ainda vive. Uma vez que é essencial que a sociedade dê visibilidade para essa população, esse trabalho se justifica por seu caráter conscientizador e expositor, pois levanta reflexões e dá voz à questões relacionadas à esse grupo, discutindo problemáticas que estão ligadas diretamente à vida da mulher e seu bem-estar. Outro objetivo específico seria fazer uma comparação entre a concepção da mulher ideal do período e a existente na

¹ O filme *Kaguya-hime no Monogatari*, no original かぐや姫の物語, foi traduzido no Brasil como *O Conto da Princesa Kaguya* e é um filme de animação baseado no famoso conto japonês *Taketori Monogatari* (竹取物語). O longa-metragem foi produzido pelo *Stúdio Ghibli*, em 2013, e contou com a direção de Takahata Isao. A obra recebeu indicação para diversas premiações, entre elas o Oscar, na categoria de melhor filme de animação. Atualmente, se encontra disponível para acesso na plataforma de streaming *Netflix*.

sociedade atual, levando em consideração os estereótipos que estão relacionados à mulher e seu papel na sociedade.

Tendo sido produzido pelo *Studio Ghibli*, o filme *O Conto da Princesa Kaguya* foi baseado no famoso conto japonês *Takeori Monogatari* (竹取物語), traduzido como *O Conto do Cortador de Bambu*. Sendo remanescente do período *Heian* (794-1185), este é visto como o ancestral de todas as narrativas *monogatari* (ABREU, 2016). É observável que haja algumas diferenças entre o conto e a adaptação cinematográfica, principalmente no foco da narrativa, como aponta Yokoyama (2019). No conto, somos apresentados à protagonista Kaguya, uma menina que nasceu de um pedaço de bambu e foi adotada por um casal de camponeses. Devido à sua beleza única, ela passa a ser cortejada por diversos homens, mesmo que eles não a conhecessem pessoalmente. Entretanto, nenhum atrai a sua atenção, visto que ela diz não querer pertencer a ninguém. Dessa forma, no decorrer da narrativa, somos capazes de acompanhar esses cortejos, como espectadores, até o seu desfecho.

Em contrapartida, no filme, somos capazes de navegar entre os eventos que ocorrem durante toda a vida da protagonista, desde o momento de sua chegada ao planeta até a conclusão da história. A partir da narrativa do longa-metragem, se torna possível para o espectador observar os acontecimentos do ponto de vista da Kaguya, o que nos dá acesso às suas emoções, sentimentos e motivações.

1.1 Contexto histórico e o conceito de “mulher ideal”

O *Heian Jidai* (平安時代), conhecido como período *Heian*, é considerado o auge da corte imperial japonesa (SOUZA, 2019), sendo um período de elegância e requinte, onde conceitos como aristocracia e nobreza exercem um papel fundamental na sociedade, fazendo com que as posições sociais fossem rigidamente sistematizadas (BOIKO, 2011). Valores como bondade e paciência eram essenciais, assim como a beleza física, que fazia parte dos mínimos detalhes da vida da corte, sendo também considerada uma virtude (SOUZA, 2019).

De acordo com Kyô Chô (2012), as mulheres da corte imperial deveriam seguir um ritual diário, de modo que se tornassem apresentáveis perante a corte. Seus cabelos deveriam ser longos e retos, usados para trás. As damas também deveriam pintar os seus dentes de preto, seguindo um costume denominado *ohaguro* (お歯黒). Era utilizado um forte pó de arroz para que seus rostos se tornassem esbranquiçados e suas sobrancelhas deveriam ser raspadas para que novas fossem pintadas com tinta (CHO, 2012).

Esse ritual de beleza era considerado uma parte importante para que a dama fosse vista como uma mulher ideal pela sociedade. Além disso, a concepção de mulher ideal, ou princesa ideal, existente na Corte de *Heian* abrangia tanto aspectos físicos quanto morais. Não obstante, a existência de Kaguya corroborou ainda mais para a cristalização desse conceito, uma vez que sua maneira de portar era perfeita em relação aos modos da época. Era pressuposto que a dama deveria possuir um ar misterioso e ser tímida, e ela deveria também ser introspectiva e se manter calada, mostrando-se submissa. A cultura do chá e as mais diversas artes, como dança e música, deveriam ser dominadas, caso contrário, isso culminaria na exclusão da pessoa da sociedade (BOIKO, 2011). Havia também o costume de usar quimonos coloridos e a premissa de que o corpo feminino deveria ser sempre mantido coberto (CHO, 2012).

Dessa forma, durante o desenvolvimento deste trabalho, através dos pontos levantados, busca-se analisar a problemática de que sempre haverá uma padronização das mulheres, independente do seu período na história, e será apontado como isso pode ser considerado uma forma de violência e silenciamento.

2. AS FASES DE KAGUYA

Durante o desenvolvimento da narrativa, é possível observar que a protagonista passa por diversos momentos de transformação que podem ser categorizados em fases para uma melhor discussão. Portanto, para dar início à nossa análise, se faz imprescindível que analisemos cada estágio de sua vida e como isso reflete, progressivamente, em sua personalidade e em sua saúde emocional.

A história se inicia quando um simples camponês, cortador de bambu, encontra um pedaço da planta que reluz mais do que os outros. Dentro dele, ele encontra uma menina muito pequena. Acreditando ser uma criatura divina, o homem a leva para casa e a cria, juntamente com sua esposa, como se fosse sua filha. A menina cresce de forma acelerada e, a partir desse momento, se torna nítido que ela não é um ser humano. O seu pai, encantado, começa a chamá-la de princesa.

A etapa da infância pode ser considerada a sua primeira – e mais feliz – fase. As cores alegres utilizadas no filme, o desenho que remete à aquarela refletindo os vários estados da personagem, e as músicas que compõem sua trilha sonora trazem a sensação de vivacidade. Kaguya é uma criança enérgica e alegre. Sempre em contato com a natureza, a personagem se sente extremamente livre e contente com a sua vida simples. A princesa vive rodeada de amigos e consegue se expressar de maneira aberta com todos do seu grupo, o que é possível ser notado através da canção que ela canta com eles e, futuramente, cantará com sua mãe. A cantiga representa a liberdade de Kaguya e a liberdade de sua voz. Nos momentos em que ela canta, a personagem nos mostra que se sente à vontade para falar e sabe que é ouvida por aqueles que estão ao seu redor. Durante essa fase, ela também se sente livre em relação ao seu corpo. Mesmo que esteja rodeada de pessoas do sexo oposto, ela não sente medo ou vergonha de mostrar-se pois, acima de tudo, sabe que está em um ambiente no qual é respeitada e seu corpo não é visto como um objeto, sexualizado.

Durante certo dia, ao retornar para o bambu onde a princesa foi encontrada, seu pai se depara com uma grande quantidade de ouro. Em seguida, ele encontra vários tecidos caros. Tomando esses acontecimentos por sinais divinos, o pai inicia a construção do seu palácio na cidade, decidindo que a menina deveria levar uma vida luxuosa e nobre. Inicialmente, a princesa se sente entusiasmada, contudo, conforme vai conhecendo os costumes da corte, começa a se sentir aprisionada.

Ao chegarem na capital, o pai da princesa decide contratar *Lady Sagami*, uma nobre professora que tem por intuito ensinar a menina a como se portar na sociedade. Devido ao seu jeito espontâneo, a criança é vista como uma selvagem, uma vez que a sua instrutora declara nunca ter conhecido uma criança que precisasse tanto de seus ensinamentos.

Dessa forma, dá-se início à segunda fase da vida da menina. Desprovida da liberdade que tinha no campo, a criança começa a ser treinada para se tornar a nobre princesa que, segundo o seu pai, ela está destinada a ser. A menina tenta se adaptar e logo domina a arte da música, mas é nítido que o faz mais para agradar o seu pai do que por vontade própria. Mesmo desenvolvendo essas habilidades, ela tem certa dificuldade em aceitar os costumes da corte e o que lhe é imposto, uma vez que ela sempre fora livre e agora passa por uma forma de repressão. O sorriso e o entusiasmo característicos da personagem começam a desaparecer. A criança não consegue compreender o porquê de não conseguir brincar e ser livre, inclusive questiona a sua instrutora, como é possível observar no seguinte diálogo:

- Lady Sagami: Uma princesa nobre não abre a boca e ri.
- Kaguya: Isso é estupidez! Até mesmo uma princesa deve transpirar e dar gargalhadas às vezes! Ou querer chorar. Ou sentir raiva e gritar!
- Lady Sagami: Não. Uma princesa nobre...
- Kaguya: Então, uma princesa nobre não é humana!" (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)²

Ao observar que a princesa não se sente feliz com a sua nova vida na corte, sua mãe tenta de certa forma conectá-la com as coisas que ela estima, incluindo a natureza. Assim, elas geralmente poderiam ser encontradas em uma parte mais humilde do palácio, onde a criança cultivava um jardim e sua mãe trabalhava em um tear. Juntas, elas mostram cumplicidade e dividiam momentos simples e felizes, cantando a cantiga da infância de Kaguya. Contudo, isso não passou despercebido pelo seu pai. Ele não as apoiava e dizia que essas práticas mais simples afastavam a menina de seus deveres e ensinamentos como uma nobre princesa.

O terceiro momento da princesa se inicia quando ela tem sua menarca e passa a ser considerada uma mulher perante a sociedade, mesmo que ainda fosse uma criança. Seu pai fica em júbilo com esse acontecimento e decide dar um grande banquete para comemorar esse momento que é tido como extremamente

² Todos os trechos citados seguem a legenda disponível no filme "O Conto da Princesa Kaguya", atualmente hospedado na plataforma de streaming *Netflix*.

importante. Entretanto, esse banquete não é para Kaguya, mas sim para aqueles que estão ao redor dela. Através da celebração de um momento tão íntimo da mulher, torna-se notável o quanto a menina era tratada como um objeto e parece ser, inclusive, o próprio prato principal do banquete. Um momento que era para ser exclusivamente seu foi dividido e celebrado com estranhos. E é durante esse período que a menina recebe o seu nome pois, até então, era apenas chamada de princesa ou alteza. Ela é nomeada *Kaguya-hime*, ou “A princesa brilhante do bambu gracioso”, devido à sua beleza exuberante, resplandecente, e sua forma delgada como um bambu.

Como representação do nome *Kaguya-hime*³, em japonês, temos os kanji 赫映姫. O primeiro kanji “赫” (*kaku*) significa brilhar, iluminar, característica marcante de sua personalidade que resplandece durante toda a sua infância. A personagem brilha quando está feliz e ilumina todos os lugares e pessoas que ela conhece. Enquanto isso, o segundo kanji “映” (*ei*) refere-se à projeção, reflexo, o que pode ser ligado diretamente com a segunda fase de sua vida e sua inserção na sociedade patriarcal da época.

De acordo com Virginia Woolf (1929), as mulheres servem como espelhos para os homens, refletindo a figura dele com o dobro do seu tamanho natural. Dessa forma, os homens precisam inferiorizar as mulheres para se engrandecerem. Eles precisam de um certo tipo de dominação para manterem sua frágil autoconfiança e, por conseguinte, alimentar os seus egos.

Durante o longa-metragem, o pai de Kaguya projeta suas vontades na menina, desde a ânsia de torná-la princesa até pela forma de manipulação que exerce sobre ela. A protagonista nunca quis se tornar parte da nobreza, essa foi uma concepção criada e unicamente imposta por seu pai. E ele não aceita que a protagonista, uma mulher, saiba mais do que ele, inclusive sobre o que é melhor para si mesma. A todo momento, ele precisa que ela e os demais que estão ao redor dele, concordem e aceitem suas decisões, de forma que ele se sinta superior. Para ele, o auge é ser da nobreza e participar de uma vida de aparências, e ele não concorda que os outros pensem de forma diferente e almejem outras coisas.

Por fim, o terceiro e último kanji “姫” (*hime*) significa princesa. Devido a toda sua beleza física e destreza para as artes, mesmo que ela apenas as domine com

³ No longa-metragem, o nome da protagonista sempre é escrito utilizando o silabário *hiragana*.

o propósito de agradar o seu pai, a menina se mostra como uma verdadeira princesa durante a narrativa.

Após a sua nomeação, enquanto é vestida para o “seu” banquete, a princesa tem um semblante muito triste. A partir dessa cena, temos uma maior noção do quão infeliz ela está com a sua vida e, principalmente, com a falta de sua prezada liberdade, o que é fortalecido pelo fato de não poder participar do seu próprio banquete pois, devido às regras da corte, as mulheres nobres não deveriam se mostrar e só poderiam receber visitas caso estivessem ocultas por biombos (BOIKO, 2011). Ela também não pôde escolher o seu próprio nome. Tudo foi imposto a ela por homens que estavam ao seu redor, homens que ela nem sequer conhecia, exceto por seu pai.

A beleza de Kaguya era algo extremamente comentado na sociedade e isso despertava a curiosidade dos homens ao redor. Ao final do banquete, os homens insistem veemente em vê-la, sem ao menos se perguntarem se ela gostaria de conhecê-los. Nota-se que esse foi um evento traumático para a personagem pois, em sua ânsia de sair daquele lugar e se ver livre novamente, ela utiliza um dos seus misteriosos dons e quebrando o biombo pelo qual estava escondida, retorna para a aldeia em que cresceu. Nesse momento, a personagem tenta se reconectar com sua criança interior, buscando lugares que fizessem com que ela se lembrasse de épocas mais felizes. Contudo, quando ela chega em sua antiga aldeia e encontra um camponês, ela descobre que seus amigos se mudaram e não voltariam por, pelo menos, 10 anos, o que faz com que ela se sinta e se veja mais sozinha do que nunca.

Depois de descobrir que seus amigos já não residiam mais em sua antiga aldeia, Kaguya se torna desesperançosa e cede às mudanças físicas pelas quais ela deveria passar, uma vez que havia se tornado mulher aos olhos da aristocracia. Suas sobancelhas são retiradas completamente com uma pinça, procedimento este que é desconfortável e doloroso. Nesse momento, uma lágrima escorre, mostrando o quanto a protagonista está abalada, mas sem esperanças de que voltaria a ter a vida que a fazia feliz. Em seguida, novas sobancelhas são desenhadas com tintas no lugar. Seu rosto é esbranquiçado com pó e os seus dentes escurecidos, a deformando e transformando em uma pessoa totalmente diferente. Devido à pressão, Kaguya passou por situações que não queria,

precisou ser quem não era, tudo para conseguir se encaixar em uma sociedade da qual não gostaria de fazer parte.

Após a sua transformação e submissão aos padrões da época, torna-se notório o declínio da personagem. No primeiro momento, ela não aceita e questiona tudo o que lhe é imposto. Contudo, sem apoio para enfrentar uma sociedade que a oprime, ela cede, mesmo que deixe claro não ter sido de bom grado. A criança alegre se torna uma mulher introspectiva e calada, como é destacado através das cores utilizadas no filme que se tornam mais opacas em relação às que eram utilizadas para retratar a sua infância feliz. Entretanto, ela não se torna submissa, como somos capazes de observar a partir da resistência que impõe aos seus pretendentes e, conseqüentemente, aos costumes e padrões do período.

Os mitos acerca de sua beleza e sua personalidade misteriosa, recatada, atraí cinco pretendentes, todos homens que são considerados extremamente respeitados perante a sociedade. Assim, forma-se uma corrida, sem nenhum aval ou amostra de interesse por parte da menina, para descobrir quem irá conseguir sua mão. Ao encontrá-la, todos os pretendentes comparam a dama à tesouros. Então, para que provem o seu valor e de forma a recusar os pedidos de maneira gentil, não demonstrando que ela não estava nenhum pouco interessada em casamentos ou nas demais imposições da sociedade, ela pede para que cada pretendente traga a ela o tesouro ao qual ela foi comparada, tarefa quase impossível, uma vez que eles eram considerados lendas. Em nenhum momento a princesa acredita que os pretendentes serão capazes de completar tais tarefas.

Durante essa corrida pelos tesouros, que perdurará por anos, alguns pretendentes se machucam e um, inclusive, morre. Ela se sente responsável por essa morte, o que se torna um gatilho para a princesa. Esse evento é um momento que fragiliza muito a protagonista pois, nesse instante de culpa, ela chega a destruir uma das poucas coisas que a reconectava com sua infância e a fazia feliz no palácio, o seu querido jardim:

- Kaguya: Este jardim! É uma farsa! [...] Todo ele. Uma farsa. E eu também sou.
- Mãe de Kaguya: Pare com isso.
- Kaguya: É por minha culpa que todos são infelizes.
- Mãe de Kaguya: Não é culpa sua! Não é!

- Kaguya: Sim, a culpa é minha. Porque eu sou uma farsa! [...] Eu nunca imaginei que as coisas chegassem a esse ponto!
- Mãe de Kaguya: Claro que não. Mas não é culpa sua. (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

No fim, nenhum pretendente consegue a mão de Kaguya, o que se torna um alívio para a personagem, mas não por muito tempo. Essa situação é vista de maneira diferente pelo Imperador que, levado pela curiosidade acerca de sua beleza lendária, toma isso como uma dica de que ela teria negado todos os seus pretendentes como uma forma de chamar a atenção dele e demonstrar que ela o queria. Intrigado, o Imperador pede que uma de suas damas da corte visite Kaguya e veja se a sua beleza é realmente exuberante. Contudo, ao recebê-la em seu palácio, Kaguya se nega a ver a dama.

Nessa parte, a princesa sofre uma grande coerção por parte de seu pai pois, como forma de fazer com que Kaguya revele sua beleza exuberante, o Imperador oferece a seu pai um trabalho em sua corte. Somos capazes de observar que há uma grande pressão psicológica, uma vez que o pai diz que a garota não quer vê-lo feliz, pois se nega a ver a porta-voz do Imperador, uma condição para que o trabalho o seja dado. Entretanto, com o apoio da sua mãe, a princesa resiste e não cede às pressões do seu pai, chegando a dizer que, caso ela vá para a corte do Imperador, irá se matar, como apontado no seguinte trecho:

- Pai de Kaguya: Vossa Majestade a convocou para servi-lo na corte! Você será uma de suas damas. E eu vou usar um chapéu de cortesão! Graças aos céus! [...] Foi para isso que eu trabalhei. Uma dama da corte! Não há maior felicidade para uma garota nessa terra! Finalmente a princesa será feliz.
- Kaguya: Papai. Desculpe, mas, por favor, recuse. Eu não poderia ser de Sua Majestade agora.
- Pai de Kaguya: O quê? Isto é para o seu bem!
- Kaguya: Diga a ele que não.
- Pai de Kaguya: Mas ninguém nessa terra deve desobedecer a uma ordem de Sua Majestade! Agora, por favor, não seja do contra.
- Kaguya: Se você deseja me acusar de desobediência à Sua Majestade, então, não hesite em me matar. [...] Se a sua felicidade depende de um chapéu de cortesão então eu irei ao encontro de Vossa Majestade. Quando eu o vir usando o chapéu, então eu me matarei. (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

Após a negativa de Kaguya, o Imperador resolve visitá-la pessoalmente. Quando ele vê que a princesa realmente possui uma beleza extraordinária, ele a

abraça. Esse comportamento pode ser visto como o maior gatilho para a volta de Kaguya à sua terra natal. Com esse abraço, ela se sente violada, uma vez que ele não foi autorizado a chegar perto dela. Por mais que ela peça, ele não a solta, e por mais que ela fale que não o quer, o Imperador diz que ela quer:

- Imperador: Venha comigo ao palácio.
- Kaguya: Por que você está fazendo isso?
- Imperador: Nenhuma mulher é infeliz quando eu faço isso.
- Kaguya: Eu nunca serei sua!
- Imperador: Você tem que ser, se eu desejar. (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

Ele tenta levá-la à força, mas, utilizando-se de seus dons especiais, a princesa consegue se desvencilhar e negá-lo. É importante destacar que, como apontado na fala do pai de Kaguya, durante o Período *Heian*, o imperador era tido como o representante do próprio Deus na Terra. Ele era considerado a figura mais respeitada da sociedade. Ou seja, receber um convite do Imperador teria sido considerado a maior honra e felicidade da vida de qualquer mulher daquela época. Assim, negar o Imperador da maneira que Kaguya fez, vai além de dizer um simples “não”. Negar o Imperador é negar toda uma sociedade, todos os seus costumes e ideologias, tudo o que ela representa.

Após o traumático episódio com o Imperador, Kaguya revela aos seus pais que sua terra natal é a Lua e que o seu povo irá levá-la de volta para casa, a seu pedido. Ao ver o sofrimento de seus pais, ela sente um pouco de arrependimento, mas é tarde demais. Ela terá que voltar e vestir o Manto da Lua, que irá fazer com que ela se esqueça de tudo o que passou na terra.

Seus pais se mostram extremamente abalados, mas a princesa deixa claro que esse foi um pedido de socorro, consequência de todas as repressões e abusos aos quais vinha sendo submetida na terra, como podemos perceber no seguinte trecho:

- Kaguya: [...] E agora, na décima quinta noite, eu tenho que deixar vocês e voltar.
- Pai de Kaguya: Para a lua? E nos deixar? O que nós fizemos para merecer isso? Tudo o que fizemos foi para a sua felicidade!
- Kaguya: A felicidade que vocês me desejaram foi difícil de suportar. Sem perceber, eu rezei para que a lua me salvasse. Quando Sua Majestade me

abraçou, meu coração gritou: 'Eu não quero estar aqui!'. (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

Após esse momento, ela retorna à aldeia na qual cresceu e, finalmente, reencontra os seus velhos amigos. Nesse instante, ela pensa em como a vida dela poderia ter sido caso ela tivesse crescido no povoado. Ela também cogita quais as experiências que ela poderia ter vivenciado, com quem ela teria tido a oportunidade de iniciar um relacionamento amoroso e, principalmente, o quão feliz ela teria sido se tivesse continuado ali. Assim, na aldeia na qual nasceu, ao redor de alguém que verdadeiramente se importa com ela, ela se sente feliz. A música se torna alegre novamente e as cores se tornam um pouco mais vívidas. Como se soubesse que esse seria, de fato, um de seus últimos momentos de felicidade na Terra, ela joga os seus chinelos para o alto e, junto com um de seus grandes amigos, voa, brinca, sorri.

Entretanto, apesar do momento de plenitude que ela viveu, ela acaba retornando ao castelo. Lá, todos os membros da corte se juntaram como uma maneira de tentar defender a princesa e fazer com que ela não seja levada pelo seu povo. Eles estavam dispostos a, inclusive, lutar em nome dela. Contudo, mesmo com todos esses esforços para defender a menina e tentar mantê-la na Terra, ela acaba sendo buscada pelo seu povo. Essa cena nos traz uma sensação agri-doce pois, em seus últimos momentos no planeta, ela abraça os seus pais de forma profunda e verdadeira, mostrando que sempre os amou muito, e revelando uma imensa tristeza em ter que deixá-los, mesmo depois de tudo o que foi feito com ela. Em contraste, o povo da Lua, que estão vindo encontrá-la, são retratados com cores alegres e uma música vibrante, como se soubessem que aquilo seria o melhor para menina, mostrando que ela estava indo para longe de tanto sofrimento, como se uma frase sombria estivesse tendo fim e esse fosse, de fato, o seu resgate.

Por fim, durante a sua despedida, ela é vestida com o Manto da Lua e aceita o oblívio, se esquecendo de suas experiências no planeta. Contudo, tudo o que ela passou a moldou e modificou o seu ser de forma tão intensa, intrínseca, que ela ainda é capaz de sentir e se lembrar da música que cantava com sua mãe e com seus amigos de infância. Através disso, ela era capaz de lembrar do amor que, apesar de tudo, recebeu durante a sua passagem pela Terra.

2.1. O poder de repressão exercido por homens

É observável que, durante toda a vida de Kaguya, ela tem suas decisões influenciadas por homens, principalmente por seu pai. A partir do momento em que ele encontra o ouro no bambu e constrói o seu palácio na cidade, ele toma decisões acerca da vida da protagonista e em nome dela, empoderando-se através da submissão da princesa. Segundo ele, tudo o que é feito é pensando no bem-estar da princesa, mesmo que vá contra o que ela quer para si e para a sua vida, fazendo com que a vida da princesa se torne marcada por sutis violências e repressões que, conseqüentemente, fazem com que ela se sinta enclausurada dentro de si mesma.

De acordo com os sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2014), há mecanismos que fazem com que os indivíduos aceitem representações e ideias sociais dominantes como algo natural, mesmo que isso marginalize uma parcela da sociedade (VASCONCELOS, 2002). Segundo aponta Bourdieu, esse tipo de dinâmica pode ser caracterizada como uma forma de violência denominada violência simbólica. Tal forma de violência é definida da seguinte forma:

[...] violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de aprender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado [...]. (BOURDIEU, 2002, p. 3-4)

O sociólogo descreve, primeiramente, a violência simbólica no meio acadêmico, através de um estudo feito em escolas, entretanto o conceito pode ser facilmente extrapolado e utilizado para analisar diversas situações em outros âmbitos sociais. Em seu estudo, Bourdieu nos mostra que uma parcela dos alunos é marginalizada pois, em tese, não tiveram a mesma bagagem cultural que algum de seus colegas tiveram, fazendo com o que é discutido em sala de aula se transforme em algo alheio e desconectado da realidade desses alunos que se encontram em vulnerabilidade (VASCONCELOS, 2002).

A violência simbólica se faz presente no filme de maneira sutil para o espectador, uma vez que são introduzidos à princesa costumes e ideias que fogem de seus valores mas que, para o restante da sociedade, é visto como algo natural. A

princesa se sente e é excluída pelos membros da sociedade, uma vez que não age e pensa da maneira que deveria. E a partir do momento em que ela se rebela contra o sistema vigente, ela passa a sofrer sutis repressões, seja por uma palavra dita por Lady Sagami ou pelo seu pai, forçando-a a agir da forma como a sociedade espera.

Durante a narrativa, também se torna notório que, diante da possibilidade de fazer parte da aristocracia, o pai de Kaguya deixa de ser um idoso bondoso e se torna um homem essencialmente manipulador, opressor e preconceituoso. A partir do momento em que eles vão para a capital, seus pais assumem novas formas de se vestir e se portar. E mesmo que o pai de Kaguya demonstre não estar completamente habituado a agir como um nobre, ele tenta seguir os costumes da corte. Desde o momento em que Lady Sagami é contratada, o pai da princesa tenta transformá-la e arruinar seu jeito dócil e espírito livre.

No palácio, a princesa e sua mãe realizavam tarefas domésticas e ficavam em um lugar mais isolado –e simples, pois estavam acostumadas a viver uma vida sem sofisticções. Entretanto, devido à nova personalidade que aflorava no pai de Kaguya, isto não foi visto com bons olhos, uma vez que ele considerava tais atitudes incompatíveis com alguém pertencente à nobreza. Outro ponto que deve ser analisado é o momento no qual a princesa se “torna mulher” e é decidido, por seu pai, que haverá um banquete de celebração. Por não conhecer as pessoas que fazem parte do seu novo círculo social e por sentir falta de seus antigos amigos, que lhe são muito queridos, a princesa pede que eles sejam convidados. Entretanto, seu pai nega o pedido, uma vez que, segundo ele, eles não seriam amigos adequados para alguém da nobreza, como pode ser notado na fala a seguir:

- Kaguya: Então, podemos convidar os meus amigos? Eu sinto tanto a falta deles.

- Mãe de Kaguya: Isso seria muito bom.

- Pai de Kaguya: Não seja tola! Você percebe o quanto isso é importante? Vivemos em um mundo diferente do mundo daqueles caipiras! (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

Além de sua influência sobre Kaguya, o pai também transforma a mãe da princesa em uma mulher silenciada. Ele não gosta que ela execute tarefas consideradas mais simples de acordo com o costume da corte como, por exemplo, cozinhar e utilizar seu tear. Durante a narrativa, conseguimos ver que a mãe de Kaguya sempre tenta apoiá-la e que, em determinados momentos, a defende, mas,

por ter sua voz silenciada tanto por seu marido quanto pela sociedade machista do período, ela não consegue realmente influenciar os eventos que ocorrem com a protagonista. Por mais que ela queira defender sua filha, ela também é fruto dessa sociedade que se reproduz por gerações e, portanto, é como se sua voz não tivesse peso. Por mais que elas tentassem questionar ou dar sua opinião de alguma forma, as pessoas se recusavam a ouvi-las e simplesmente as ignoravam, invalidando seus pensamentos e sentimentos.

Não obstante, uma das premissas mais importantes da época seria a de que uma boa mulher deveria casar-se e seguir todos os hábitos do período e, podemos notar que essa nunca foi a vontade de Kaguya, pois ela sempre deixa explícito não querer pertencer a ninguém. Contudo, quando a princesa recebe os pedidos de casamento por parte de homens que são considerados “bons partidos”, é como se ela fosse a mulher mais sortuda do mundo. Todos ficam extasiados com as propostas, menos Kaguya que, de certa forma, zomba de seus pretendentes. Os desafios propostos pela princesa são vistos como escandalosos por parte do seu pai, que não entende o porquê de a princesa estar agindo dessa forma, mesmo que ela deixe claro sua vontade de não se casar. Para a sociedade, Kaguya está perdendo a oportunidade de sua vida.

Além de seu pai e seus pretendentes, Kaguya também sofre pressões por parte do Imperador, o homem mais respeitado entre a sociedade. Quando ela nega seu pedido de pertencer à sua corte, o Imperador mal consegue acreditar pois, para todas as mulheres, seria uma honra satisfazê-lo e conseguir um lugar dentro de seu círculo. Em nenhum momento, o Imperador acata a negativa de Kaguya e comete uma grande violência contra a protagonista quando a toca sem permissão.

Se torna claro que a sociedade era regida e feita para os homens. Mulheres desprezadas, tais quais como Kaguya, eram reprimidas e vistas como fora do padrão, gerando isolamento e diversas outras consequências para a saúde física e mental dessas mulheres, inclusive a depressão. Era pensado que, para se viver bem, era necessário estar ao lado de um homem e que as mulheres não eram capazes de pensar e desenvolver trabalhos além dos domésticos e os relacionados aos seus filhos. Não obstante, era pensado que os homens sabiam mais do que as mulheres, inclusive no que tange os seus próprios sentimentos e a forma de lidar com eles. Dessa forma, podemos notar que Kaguya foi atormentada simplesmente por ter

opiniões próprias e pensamento crítico, o que ia contra o que os homens da época pensavam que a mulher deveria ter.

3. KAGUYA E A MULHER CONTEMPORÂNEA

Embora seja um termo amplamente utilizado atualmente, principalmente entre o movimento feminista, e que está cada vez mais em ascensão entre os demais grupos sociais, não há um consenso sobre a definição da palavra “*patriarcado*”. Segundo Mary G. Castro e Lena Lavinias (1992), o vocábulo pode ser definido da seguinte forma:

Um tipo de dominação em que o senhor é a lei e cujo domínio está referido ao espaço das comunidades domésticas ou formas sociais mais simples, tendo sua legitimidade garantida pela tradição. (CASTRO; LAVINAS, p.237, 1992).

Entretanto, para autores como Jean-Jacques Rousseau (2017), John Locke (1998) e Max Weber (2009), o patriarcado pode ser definido como uma maneira de organização social na qual o pai, considerado o chefe da família, exerce poder e influência sobre os membros de sua família (AGUIAR, 2015). Para a realização do paralelo que é proposto no presente trabalho, iremos nos pautar neste conceito.

Mesmo com a falta de unanimidade, é possível inferir que o termo se refere a um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, que pode estar presente em diversos âmbitos sociais, principalmente no familiar e trabalhista. Não obstante, o sistema patriarcal está intrinsecamente enraizado no consciente dos homens e até mesmo das mulheres, tanto individualmente quanto coletivamente (MORGANTE; NADER, 2014), como é possível observar através da simples análise da origem etimológica da palavra “família”. Tendo sua origem no latim, o vocábulo remete aos romanos e é proveniente do termo *famulus*, que refere-se à escravos domésticos. Dessa forma, o vocábulo família referia-se a todos os “escravos domésticos”, entre eles as mulheres, filhos, e até animais, que serviam uma casa sob a autoridade de um patriarca (SANTOS, 2011).

Durante o longa-metragem, podemos observar, por inúmeras vezes, a relação de poder que o pai de Kaguya e os demais homens inseridos na sociedade exercem

sobre as mulheres e como isso está relacionado com o conceito de patriarcado. A partir do momento em que o pai da protagonista decide por se mudar para a cidade, ele passa a tomar as decisões em nome de Kaguya e sua mãe, deixando claro que elas deveriam acatá-las, pois ele era o chefe da família. Inclusive, somos apresentados a uma relação de subordinação não somente entre pai e filha, mas também entre marido e esposa. Devido aos seus pensamentos e concepção de que os trabalhos que elas gostavam não faziam jus aos seus status, ele tenta distanciar a protagonista e sua mãe das atividades que fazem bem para elas.

Desde o início do filme, somos convidados a entrar no mundo de Kaguya e podemos conhecê-la como uma criança de espírito livre, o que pode ser notado a partir das cores que foram utilizadas para colorir as cenas. Entretanto, quando sua personalidade se torna mais autoritária, a liberdade é o traço que o pai mais tenta erradicar da personagem. A partir do momento em que contrata Lady Sagami, o pai busca domar Kaguya, forçando-a a dominar artes e se portar de uma maneira que a protagonista não deseja. Nesse momento, também se torna evidente que há uma grande pressão psicológica envolvida nessa relação, pois Kaguya finge que não sabe tocar *koto* ou escrever quando está na frente de sua instrutora, mas realiza tudo com perfeição quando está na presença de seu pai, de maneira a não desapontá-lo.

Outro ponto relevante no que se diz respeito à sociedade patriarcal são as obrigações inerentes à mulher. Seguindo o conceito de mulher ideal existente na época, também temos o conceito de boa esposa. Na sociedade em questão, tudo girava em torno do homem, inclusive, não havia a ideia de dar às mulheres ferramentas para que elas se mantivessem. Ou seja, elas precisavam de um homem para sobreviver, não havendo autonomia para elas, o que poderia ser visto como mais uma forma de controle pois, como aponta Woolf (2019), é necessário que a mulher tenha o seu dinheiro para ser independente. Bourdieu (2002) também aponta essa relação de dependência como uma forma de dominação masculina, como nota-se no seguinte trecho:

a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica". (BOURDIEU, 2002, p. 52)

Quando Kaguya recebe as propostas dos seus cinco pretendentes, toda a sua família e sua instrutora vão à êxito pois, segundo eles, esse seria o auge da vida dela. Mesmo sem conhecê-los, Lady Sagami destaca que qualquer um seria um bom marido, devido às suas posições sociais, como podemos observar no seguinte trecho:

- Lady Sagami: Eles são todos da mais alta classe. Qualquer um deles será uma escolha acertada. Então, Alteza, escolha o que você deseja.

- Kaguya: Ainda que eu não os conheça?

- Lady Sagami: Claro. O cavalheiro faz uma proposta e vocês se conhecem no dia do casamento. Escolhendo um dentre estes cinco nobres, você será muito feliz! (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

Entretanto, não foi levado em consideração a opinião que mais importa: da própria Kaguya. Desde sua infância, Kaguya se mostra como uma pessoa desprendida, que não queria pertencer a ninguém e sempre deixou claro que poderia ser feliz desse modo, mostrando uma opinião que difere dos costumes da sociedade. A sociedade explicitava que, para as mulheres da nobreza, seria uma sorte imensa se casar com um cavalheiro, mesmo que não por amor. A felicidade da mulher era reduzida à um homem. Não havia perspectivas de que a mulher pudesse ser feliz tendo outros objetivos ou até mesmo sem estar em um relacionamento amoroso, como era o caso da protagonista. A própria mulher era reduzida a um homem.

No seguinte trecho, Kaguya deixa claro que não pensa em se casar e não gostaria de fazer essa decisão no momento, mesmo com as pressões de sua instrutora e seu pai:

- Kaguya: Ainda não tenho vontade de casar com ninguém.

- Lady Sagami: Não está falando sério! Você deve se casar com um nobre cavalheiro o quanto antes! Isso é a própria felicidade. Por que você hesitaria? Com qualquer um desses homens, sua felicidade está assegurada.

- Kaguya: Eu não vou escolher nenhum deles! (O CONTO DA PRINCESA KAGUYA, 2013)

A partir dos pontos levantados, somos capazes de inferir que a sociedade do período era extremamente machista e girava em torno dos homens o que, infelizmente, ainda é uma realidade para diversas mulheres em inúmeros países, inclusive no Brasil e no Japão. A submissão da mulher era algo corriqueiro, assim como ainda é na sociedade contemporânea.

Assim como o conceito de patriarcado, buscar uma definição universal que represente a “mulher” tem sido extremamente problemático, uma vez que esse conceito não pode ser definido de maneira estável ou permanente. Ao pensarmos em gênero enquanto os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, se faz excepcionalmente presunçoso pensar que cada ser poderia ser categorizado, apesar de suas individualidades (BUTLER, 2003). Há uma infinidade de possibilidades e múltiplos significados em cada ser humano e, no que tange às mulheres, cada uma constitui um universo próprio e tem suas próprias características que podem variar de acordo com diversos fatores como sua localidade, contexto histórico e social, raça, entre outros, como aponta Butler:

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos do gênero da ‘pessoa’ transcendem a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. (BUTLER, 2003, p. 20)

Torna-se difícil afirmar que haja uma concepção genérica do que é ser mulher, entretanto, podemos observar que há diversos estereótipos ligados ao feminino. A palavra “estereótipo” é proveniente do grego, derivada das palavras “stereo” e “túpos”. A primeira palavra significa “rígido”, enquanto a segunda pode ser traduzida como “traço”. Dessa forma, a palavra refere-se ao que foi predeterminado e encontra-se fixado, cristalizado (LYSARDO-DIAS, 2007). No âmbito da sociologia, conforme também explicita Lysardo-Dias, o estereótipo se dá como algo coletivo que estabelece conexões entre os membros da sociedade, criando uma identidade a partir da elaboração de formas de agir e pensar que sejam comuns a um determinado grupo. Os estereótipos possuem uma carga emocional, de forma que irá influenciar o comportamento humano e seus valores (FREITAS, 2014). Eles se fazem presente em vários âmbitos da vida do indivíduo, tanto no seu ambiente familiar e seu círculo social, como nas demais instituições sociais, como escolas e igrejas.

No decorrer da história, a imagem da mulher foi majoritariamente descrita por homens, de forma essencialmente ambígua, uma vez que as mulheres sempre constituíram um mistério para eles (BUTLER, 2003). Tendo sido demonizada pela Igreja no final da Idade Média, quando fora instituído o celibato para os padres, a visão

da sociedade em relação à mulher começou a sofrer uma série de mudanças apenas entre os séculos XVI e XVII, com algumas mudanças que ocorreram na Europa. Com o advento da Reforma Protestante e com a necessidade de que houvesse mais fiéis, a Igreja começou a disseminar ideias de que as mulheres deveriam ser educadas para que, pelo menos, soubessem ler e contar (VASCONCELOS, 2005).

Durante o século XVII, nasce a necessidade de um novo modelo familiar e é a partir desse momento que a mulher passa a ser vista como o centro do lar, responsável pela criação dos filhos (VASCONCELOS, 2005). A sociedade reconstrói a imagem da mulher a partir da premissa de que ela e o homem possuem distinções biológicas, mesmo que não houvesse evidências científicas que confirmasse tal pensamento, como aponta Nunes no seguinte trecho:

É importante frisar, que a mudança da percepção médico-científica sobre a mulher deu-se principalmente em função das transformações operadas e esperadas da condição social feminina, e não devido a descobertas científicas que caucionaram a ideia de um dimorfismo original (NUNES, 2000, p. 42).

A partir desse momento, a natureza da mulher é vista unicamente como ser mãe e formar uma família. Paralelamente a isso, nascem as características que serão definidas e que perdurarão por vários anos como os valores femininos, sendo elas a fragilidade, doçura, gentileza e, principalmente, a passividade. Entretanto, havia mulheres que eram contrárias a essas ideias, principalmente aquelas provenientes da burguesia, e não aceitavam o que estava lhes sendo imposto. Essas mulheres eram chamadas de loucas e desnaturadas uma vez que, perante a sociedade, sua essência seria unicamente servir como mãe (VASCONCELOS, 2005).

Esse modelo e conjunto de características se faz presente até os dias atuais, sendo apenas um dos tantos estereótipos que regem a vida da mulher. A mulher que foge dos padrões de valores impostos, não demonstrando doçura, fragilidade e gentileza é vista pela sociedade como uma mulher que não é para se casar. Aquelas que buscam e sentem prazer são vistas como prostitutas. Muito se diz que a mulher que usa roupa curta quer ser violentada, na verdade, ela está pedindo por isso. Também é comum ouvirmos diversas críticas às mulheres que não pretendem ter filhos, como se elas fossem aberrações que estão indo contra sua essência, pois, em tese, a mulher que não é mãe é considerada uma mulher incompleta (VASCONCELOS, 2005).

Ao pensarmos especificamente na mulher brasileira, podemos levar em consideração a obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. No livro de 1933, todos os estereótipos de mulher submissa e passiva são reforçados. A mulher é vista como sexo frágil, e o título de nobre e forte é dado unicamente para os homens. Vistas como boas o suficiente apenas para o desempenho do papel de boa esposa e boa mãe, a mulher deve sempre pertencer ao espaço doméstico da família (SILVA, 2009). O que não seria problema algum, caso essa fosse a escolha da mulher o que, na maioria das vezes, não era o caso. Devido ao seu status inferior, a mulher não tinha permissão para estudar e, muito menos, manifestar suas ideias e opiniões de maneira social na época. Através dessas idealizações, surgiram várias diferenças entre a mulher e o homem, o que nos leva a ter um dos maiores índices de violência contra a mulher no mundo.

No que tange os estereótipos que estão relacionados à mulher oriental, é muito comum que elas sejam definidas de maneira simplista, como aponta Isotani (2016), vistas apenas como mulheres frágeis, doces e que possuem unicamente a responsabilidade de cuidar da família e do dinheiro da casa, dando todo mês a mesada ao seu marido, sem pensamento crítico acerca do seu lugar na sociedade rígida que habita. Entretanto, assim como a maioria dos estereótipos que estão relacionados às mulheres, eles estão extremamente equivocados e engessados, e podem ter sido, inclusive, fruto de pré-conceitos provenientes de outras nações (ISOTANI, 2016).

Ao analisarmos a mulher japonesa, se faz imprescindível que analisemos a história do Japão, assim como o papel desenvolvido pelas mulheres durante o desenvolvimento do país e as transformações pelas quais elas passam ao longo dos anos. Não obstante, também se faz necessário que entendamos a forma que o pensamento moderno do Japão influenciou no comportamento da mulher japonesa. Explorando a história do Japão, podemos considerar a Restauração Meiji como o primeiro marco no desenvolvimento da mulher moderna japonesa, como aponta Isotani (2016) pois, nesse momento, o Japão é obrigado a abrir os seus portos após mais de duzentos anos de reclusão, abrindo-se também para novas relações e costumes culturais provenientes de outros lugares do mundo, principalmente do ocidente (ISOTANI, 2016).

A partir desse contato com outras sociedades e políticas, busca-se uma hegemonia, o que ressalta a importância da modernização do país. Desta forma,

diante da necessidade de criação de uma nova identidade social, o Japão passa a reconsiderar diversos valores que há muito estavam cristalizados na comunidade. A educação em massa, o próprio contato com outras culturas e a industrialização passam a ser incentivados no país, fazendo com que houvesse uma remodelação de todo o alicerce da sociedade japonesa.

Assim, a sociedade buscou mecanismos para inserir a mulher na sociedade, mas sem que esta perdesse sua feminilidade. No que tange a educação, o país começou a se basear nos modelos ocidentais de educação, fazendo com que houvesse a construção de mais escolas. Contudo, havia uma forma de segregação baseada no sexo do indivíduo, portanto, havia escolas especificamente para as meninas. As meninas que frequentassem esses institutos aprenderiam também coisas relativas à vida doméstica, como cozinhar e costurar (PILAR, 2019). Dessa forma, as meninas já estariam aprendendo o seu papel na sociedade que, no caso, seria dentro de casa, enquanto os meninos estariam sendo criados para assumir as demais responsabilidades.

Além das aulas domésticas, as demais matérias eram ensinadas com o intuito de que as meninas aprendessem como cuidar de sua família. As aulas de matemática eram voltadas para o ensino da economia e de como administrar o dinheiro dentro de casa (ISOTANI, 2016). A criação das escolas foi utilizada também como meio para reforçar um dos maiores ideais da época, o *ryōsai kenbo* (良妻賢母), que pode ser traduzido como “boa esposa, mãe sábia”. Ou seja, a escola possuía caráter muito mais político do que o intuito de dar à mulher uma educação formal. Como aponta Isotani (2016, p.32), “o sistema educacional japonês era utilizado como ferramenta para unificar e imprimir valores que encorajavam a lealdade patriótica por meio da moral confucionista”.

Com o advento da modernização do Japão e com a forte influência que o capitalismo exerceu sobre a sociedade, nos deparamos com uma forte instalação da estrutura patriarcal (ISOTANI, 2016), uma vez que, mais do que nunca, houve a necessidade do trabalho para o sustento da família. Dessa forma, o homem trabalhava fora de casa, sendo o provedor de sua casa, enquanto a mulher assumia as tarefas domésticas. Havia algumas mulheres que trabalhavam fora de casa, contudo, elas deveriam dar atenção também ao serviço doméstico. É importante ressaltar que havia um grande sentimento nacionalista na época, assim como uma grande lealdade ao

governo e uma forte noção de disciplina (ISOTANI, 2016), de forma que não havia muitos questionamentos sobre os papéis dos indivíduos na sociedade.

É possível, também, considerarmos a Primeira e a Segunda Guerra Mundial como grandes marcos na história da mulher no Japão. Durante o período da Primeira Guerra Mundial, houve uma grande dificuldade econômica, de forma que a mulher se tornou o centro de políticas sociais, uma vez que ela era a responsável pela organização de sua família. Houve diversas campanhas ensinando as mulheres a como economizar e diminuir o consumo de suas famílias. Entretanto, a mulher teve uma maior participação na Segunda Guerra Mundial, pois é quando ela tem o seu trabalho requisitado como mão de obra na indústria. A mulher também é requisitada a participar ativamente desempenhando o papel de enfermeira e cuidando dos enfermos, o que pode ser considerado uma extensão das responsabilidades femininas tradicionais (ISOTANI, 2016).

Dessa forma, era de se pensar que a mulher havia conseguido mais espaço na sociedade, uma vez que provou-se mais do que necessária e que seria capaz de desempenhar um excelente trabalho, tão bem quanto um homem o faria, durante vários momentos importantes da história do Japão. Entretanto, não foi isso o que houve, e a mulher japonesa continuou a existir em uma sociedade marcada pela dominação. Contudo, esses acontecimentos acenderam a faísca da revolução, pois fizeram com que as mulheres começassem a contestar as coisas ao seu redor, dando espaço para diversos tipos de questionamento sobre gênero, igualdade e o modelo da sociedade japonesa.

No entanto, enquanto o pensamento da mulher japonesa começava a se modificar, desde o fim do século XIX países como a Inglaterra e os Estados Unidos já haviam iniciado uma grande luta em prol da igualdade de gênero, mais direitos políticos e econômicos para as mulheres. Dessa forma, a partir do ponto de vista dos países ocidentais, é considerado que a mulher japonesa começou a sua luta de maneira muito tardia, o que resultou em algo inexpressivo, como aponta Isotani no seguinte trecho:

[...] a busca política das japonesas por direitos mais igualitários em relação aos homens aparentou ser inexpressiva se comparada à primeira onda da luta por direitos políticos, sexuais e econômicos, que despontou na Inglaterra e Estados Unidos no fim do século XIX. (ISOTANI, 2016, p. 38-39)

Contudo, é importante salientar que a mulher japonesa passou por diversos momentos que moldaram sua concepção do que é ser mulher enquanto indivíduo e influenciaram na definição de seus valores. Sua escolarização tardia, o afastamento das demais culturas devido às restrições de comercialização e uma política rígida foram fatores que tiveram ampla influência na construção do pensamento feminino, fazendo com que as mulheres não tivessem voz para criar questionamentos acerca do seu papel na sociedade. Não obstante, havia uma visão ocidentalizada do feminismo, que cria julgamentos e visões distorcidas acerca dos valores orientais (PILAR, 2019), principalmente quando julga a luta das mulheres japonesas como algo tardio. Cada sociedade possui seus valores culturais e éticos, de maneira que não podemos ter uma visão etnocêntrica acerca das questões que as envolvem, principalmente no que tange às mulheres, uma vez que cada uma delas está inserida em um contexto diferente.

A Restauração Meiji representou um momento de diversas modificações para as mulheres e influenciou diretamente na vida da mulher, fazendo com que houvesse uma metamorfose no pensamento desse grupo. Uma das consequências dessa nova maneira de pensar foi o surgimento dos primeiros grupos feministas no Japão. A revista “Seitô”, criada em 1911, pode ser considerada como um dos maiores pontos de destaque no que tange a luta feminina no país durante o período em questão (PILAR, 2019). Fundada pela estudiosa e feminista Hiratsuka Raichô (1886-1971), em conjunto com outras estudantes, a revista possibilitava que as mulheres escrevessem para outras mulheres, podendo discorrer sobre os mais diversos assuntos, inclusive aqueles que não eram discutidos nas revistas convencionais do período e que estavam ligados à vida doméstica da mulher. De acordo com Ericson (2000), a revista Seitô deu início a uma série de debates públicos que poderiam ser considerados altamente polêmicos, aonde assuntos como castidade, o aborto e prostituição eram discutidos.

A partir do primeiro capítulo, as leitoras já conseguiam captar o viés feminista da revista. Raichô inicia a primeira parte da publicação com um manifesto contra as concepções do que era ser mulher que estavam enraizadas no período. Através da seguinte citação, pela qual ela inicia sua escrita, somos capazes de ver que a escritora possuía opiniões fortes:

no início, a mulher realmente era o sol... agora ela se tornou a lua – brilhando pela luz de outros, dependente de outros para viver, uma lua cujo rosto é tão pálido e pálido como a de um inválido (HIRATSUKA apud ERICSON, 2000, p.643).

Portanto, podemos dizer que a literatura se torna um forte mecanismo de reivindicação de mudanças que as mulheres passam a exigir perante a sociedade. Como aponta Joy Afonso (2021), “a escrita feminina na modernidade se basearia não no modelo clássico de escrita, mas na forma de resistir e criticar a sociedade japonesa em meio a uma sociedade literária que não as via como iguais”. Assim, uma grande parte das mulheres começaram a ir na contramão do modelo “boa mãe e esposa sábia” e, inclusive, há o surgimento de diversas outras revistas que buscam repensar o que é ser mulher no Japão.

Porém, mesmo com o surgimento de revistas e movimentos que lutam pela emancipação da mulher, a luta por autonomia das mulheres no Japão tem sido um processo árduo e que perdura até os dias atuais. Contudo, é importante que levemos em consideração a estrutura social japonesa, pois é uma sociedade baseada em valores rígidos que determinam o espaço que cada indivíduo terá na sociedade. Somos capazes de observar isso através da própria estruturação da língua, pois há maneiras específicas de falar com pessoas de fora do seu círculo social ou com seus superiores. Há também maneiras específicas, e diferentes, de se referir a um homem ou a uma mulher. Dessa forma, a mulher japonesa não luta “apenas” por igualdade de gênero e autonomia, mas contra todo um sistema social, se mostrando extremamente radical e de uma força inacreditável. A luta da mulher japonesa é contra o capitalismo, o patriarcado, todo um sistema familiar e até mesmo o Imperialismo (SHIGEMATSU, 2012).

A mulher moderna japonesa ainda enfrenta uma dura batalha e tem um longo caminho a trilhar em sua luta por autonomia, mas somos capazes de ver o quanto elas têm alcançado e progredido. Podemos observar que na literatura, há diversas mulheres que dão voz aos sentimentos desse grupo e existem diversos grupos feministas que lutam pelos direitos das mulheres. No que tange às reivindicações das mulheres, a maioria delas está relacionada ao modelo familiar do país. Tem sido buscado um novo modelo social, no qual a mulher queira, de fato, dar a luz e não o faça simplesmente por ser uma obrigação que o estado impõe sobre ela. Não obstante, a mulher também luta pelo seu direito de não constituir uma família, caso

essa seja a sua vontade (SHIGEMATSU, 2012). A mulher japonesa, assim como toda mulher, luta por algo que já deveria ser seu de nascença, o direito de ser dona de seu corpo e de fazer suas próprias escolhas em relação a ele. Ela reivindica o direito de não ser mais apenas um objeto utilizado para fins políticos, uma posse do Estado, mas sim para que possa pertencer a si mesma.

4. KAGUYA: UM CONTO ATUAL

Ao analisarmos a luta das mulheres em busca de sua autonomia, independentemente de sua nação ou do contexto no qual ela esteja inserida, podemos perceber que todas buscam uma coisa em comum: ter voz numa sociedade que faz questão de as silenciar e as controlar. Essa forma de poder foi analisada por Foucault (2009) em sua tese sobre os corpos dóceis, como aponta o seguinte trecho:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Logo, o poder disciplinar tem como objetivo “adestrar” as “multidões confusas e inúteis de corpos”, e a partir daí, fabricar indivíduos obedientes (FOUCAULT, 2009b, p. 164).

Em suma, a mulher é e sempre foi controlada pelo Estado, pela sua família, pelas pessoas ao seu redor, pois a sociedade vê a mulher como um objeto, algo manipulável. A sociedade se vê no direito de controlar a mulher, seja em suas escolhas, seus corpos ou até mesmo em suas roupas.

Apesar de ser ambientado em um período distante, o filme nos mostra o quanto a violência contra mulher é algo antigo, mas que perdura e está enraizado até os dias atuais. A partir de sua narrativa, somos capazes de refletir o quanto a mulher sofre diversas violências durante toda a sua vida que, por muitas vezes, são naturalizadas. Aqui me faço autora-sujeita, pois eu já sofri algum tipo de violência por ser mulher, muito provavelmente a minha mãe e a sua mãe também e, às vezes, nós nem nos demos conta disso, pois a violência contra a mulher chega a ser cultural, entranhado.

As violências que Kaguya sofrera, seja elas em relação ao seu corpo quando precisava seguir os padrões de beleza da época ou em relação à sua personalidade quando tentam diminuí-la e cortar suas asas, são violências que afligem a mulher do século XXI também. Ao compararmos a sociedade atual com a sociedade presente

no filme, pode-se pensar que vivemos em uma comunidade mais igualitária, visto que as mulheres têm conseguido seus direitos ao longo da história, entretanto, essa é uma falsa concepção, pois a violência se faz extremamente presente- às vezes de maneira escancarada, outras vezes, de formas mais sutis, dissimulada.

Por isso se torna tão importante que nos perguntemos o porquê. Por que a mulher deve ser dominada, subjugada? Qual o direito que a sociedade tem de nos controlar e nos fazer menor perante os demais, perante os homens? É importante que questionemos essas concepções e, principalmente, que saibamos que valemos -e muito- e que merecemos, sim, nosso lugar na sociedade, assim como a nossa voz merece ser ouvida. Em meio a uma sociedade patriarcal, a mulher é obrigada a lutar por seus direitos mais básicos, como viver e ser dona de si.

Dessa forma, após a análise do longa-metragem e suas relações com a mulher moderna, podemos concluir que ainda não há uma solução definitiva para a violência contra a mulher, mas que somos capazes de elaborar mecanismos que nos ajude a alcançar uma sociedade mais democrática em relação às questões de gênero. É necessário que mudemos a nossa maneira de pensar e a chave para que possamos transformar essa realidade e dar mais ênfase para a luta das mulheres é a conscientização. Assim como o filme nos faz refletir, é importante que as mulheres saibam o seu lugar na sociedade e que continuemos lutando para que possamos alcançá-lo. Além disso, é necessário que eduquemos nossos filhos com valores, ensinando-os a ser empáticos e que somos todos humanos, iguais. É necessário que a próxima geração perpetue essa nova forma de pensar, de maneira que a sociedade seja transmutada em sua base, para que no futuro tenhamos uma sociedade mais justa para as mulheres, onde não tenhamos medo de andar na rua sozinha à noite ou de simplesmente sermos mortas por ser quem somos. Não obstante, também se faz necessário que haja uma ampla discussão em relação à esses grupos não dominantes em nossa sociedade e que esses debates estejam presentes em vários âmbitos, seja no acadêmico ou até mesmo dentro de nossas casas.

Durante a história, a mulher assumiu vários papéis de destaque e, todos os dias, elas provam que são fortes e que são capazes, diferente do estereótipo de sexo frágil que lhe foi imposto. Nascer mulher é viver uma vida de provações, tendo que se justificar constantemente em relação às suas ações, pensamento e até mesmo no modo de ser. No primeiro momento, o filme da Kaguya nos traz uma sensação de conforto e doçura mas, com o passar da narrativa, se torna um soco no estômago e

nos faz refletir, trazendo diversos questionamentos à tona, e é exatamente disso que precisamos, de perguntas, reivindicações e, principalmente, de revolução.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pontos levantados durante o desenvolvimento desse texto, acredito que tenha sido possível tecer uma reflexão pertinente acerca das mulheres na sociedade e seu papel, trazendo conceitos e ideias que podem nos fazer pensar nas razões pelas quais a violência está tão presente no dia a dia da mulher desde os tempos antigos. O filme *O Conto da Princesa Kaguya* nos mostra que, apesar de ser uma animação mais voltada para o público infantil, é um filme profundo e complexo, cheio de significados, alguns estando sutilmente escondidos em suas cores e sons. O longa-metragem também propõe uma válida reflexão sobre problemas reais que enfrentamos enquanto sociedade, como a violência contra a mulher e mostra que, mesmo sendo um filme ambientado no período Heian, se faz mais atual do que nunca.

Através da leitura deste trabalho, podemos também inferir que se faz extremamente necessário mais debates acerca do lugar da mulher na sociedade em diversos níveis e em variados âmbitos, assim como a criação de mais políticas públicas em prol da mulher. É preciso que a sociedade e os políticos encarem com mais seriedade a violência contra mulher promovendo ações e dando punições mais severas para os agressores. E, pelo fato da violência contra a mulher e a sociedade patriarcal se encontrarem enraizados em nossa sociedade, podemos concluir que a conscientização também se torna elemento essencial nesse processo de transformação, de forma que sejamos capazes de criar novos valores, mais empáticos, nos quais as mulheres sejam vistas como elas realmente são, um ser humano, igual ao homem.

Anseio pelo dia no qual sejamos capazes de ler os jornais e não tenhamos que ver os relatos sobre a morte de diversas mulheres simplesmente pelo fato de serem mulheres, por terem negado a investida de alguém ou porque seus companheiros pensaram que eram os donos delas. Anseio pelo dia no qual a mulher terá paz para viver. E, às vezes, se torna difícil pensar que a violência isso mudará nos próximos anos, e por isso é tão importante que continuemos lutando, tendo sempre em mente o quanto já conquistamos até aqui, mostrando para a sociedade que não iremos nos

calar e nem aceitar esse tipo de agressão. E, mais do que isso, devemos ensinar às próximas gerações que todos devem ser tratados igualmente e com respeito. Devemos passar para os nossos filhos os valores que gostaríamos de ter hoje.

Por fim, levanto novamente os seguintes questionamentos: por que temos que ser dominadas? Por que a mulher precisa ser considerada inferior? É inconcebível para uma sociedade que se considera moderna e contemporânea ter pensamentos de submissão em relação às mulheres e perpetuar preconceitos baseado em valores arcaicos, dando espaço e palco para a violência contra a mulher. É inadmissível que a mulher seja objetificada, sexualizada, e tenha que viver a sua vida inteira a partir das regras ditadas por outros. Que tenha que se vestir e portar de maneira a agradar os demais.

Nós, mulheres, merecemos mais e seguiremos lutando por isso, dia após dia, até que tenhamos o direito de escolher e ser livre para ser quem quisermos, sem imposições, sem estereótipo, sem julgamentos, sem violências baseadas em gênero. Lutaremos até que sejamos livres para ser quem realmente somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Thiago Cosme de. **Taketori monogatari: a obra e o discurso(pretensamente) amoroso**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016, p. 102.

AFONSO, Joy Nascimento. **Dossiê Literatura de autoria feminina no Japão moderno**. In: Dossiê Literário - Japan Foundation. São Paulo, 2021.

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado**. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth. Dicionário feminino da infâmia. Rio de Janeiro, Editora Fundação Oswaldo Cruz, 2015.

AZEVEDO, Fernanda Maria Caldeira de. O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista. **Revista Três Pontos**. IN: Dossiê Múltiplos Olhares sobre Gênero. Universidade Federal de Minas Gerais, v.13, n.1, p.13-21, 2016.

BOIKO, Leonardo. **Vida na corte no período Heian**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011, p.14.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Tradução de M. H. Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 160.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7.ed. Editora Vozes, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

CHÔ, Kyô. **The Search for the Beautiful Woman: A Cultural History of Japanese and Chinese Beauty**. Tradução de K. Y. Selden. Lanham: Rowman & Littlefield Publisher, 2012. 302 p.

ERICSON, Joan E. **A new era of women writers**. In: SHIRANE, Haruo; SUZUKI, Tomi (edit). *Inventing the classics: modernity, national identity, and Japanese literature*. Stanford: Stanford University Press, 2000, p. 641 – 647.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

FREITAS, Simone. A mulher e seus estereótipos: comparando 50 anos de publicidade televisiva no Brasil e Portugal. Universidade de Minho. **Estudos de Comunicação** n. 16, p. 111-148, Portugal, Junho de 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 51^a ed., Global Editora, 2019.

ISOTANI, Mina. **A Representação do Feminino: a construção identitária da mulher japonesa moderna**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Teoria e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016, p. 220.

LOCKE, John. **Dois Tratados Sobre o Governo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira**. *Stockholm Review of Latin American Studies*, 2, 25-35, 2007.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. In: *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas*. Rio de Janeiro, 2014, p.10.

NOGUEIRA, Renzo Magno. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero.** Faculdade de Direito, Faculdade Multivix ES. Espírito Santo, 2016.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.255.

PILAR, Camille. **A construção da imagem feminina na sociedade Japonesa e as implicações para o feminismo Japonês.** In: Anais do XI Simpósio de Pesquisa e Iniciação Científica do UNICURITIBA. Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA, Curitiba- PR, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/spic2019/214102-a-construcao-da-imagem-feminina-na-sociedade-japonesa-e-as-implicacoes-para-o-feminismo-japones/>>. Acesso em: 19/04/2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social.** Tradução de B. Edson. 2ª ed., Edipro: 2017, p. 128.

SANTOS, André Filipe Pereira Reid dos; ANDRADE, Thaís Machado de. **A violência simbólica sob a perspectiva de Pierre Bourdieu e sua aplicabilidade no Brasil quanto à análise procedimental da Lei Maria da Penha.** Revista Paradigma, Ribeirão Preto-SP, a. XVIII, v.27, n. 2, p.130-143, Maio/Ago. 2018.

SANTOS, Lara Cíntia de Oliveira. **Origem da família.** Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=6163>. Acesso em: 15/04/2021.

SHIGEMATSU, Setsu. **Scream from the shadows: the women's liberation movement in Japan.** University of Minnesota Press, 2012, p.312.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em cena: As novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social.** Dissertação (Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social). Departamento de Serviço Social, PUC-Rio. Rio de Janeiro, p. 38, 2009.

SOUZA, Ayanne Larissa Almeida de. **As mulheres na literatura- a poesia feminina japonesa: Ono no komachi e Izumi Shikibu**. Revista Hon no Mushi – Estudos Multidisciplinares Japoneses / Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Amazonas. Vol. 4, N. 6 (2019). Manaus – AM.

VASCONCELOS, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: A herança sociológica**. Educ. Soc. vol.23, no.78, Campinas Apr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200006>. Acesso em: 14/04/2021.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. **Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental**. Revista Ártemis. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. N. 3, Dezembro, 2005.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. v.2. Editora Geral.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Brasil: Tordesilhas livros, 2014, 138 p.

YOKOYAMA, Amanda Keiko. **O conto da princesa Kaguya e o autodespertar do eu verdadeiro na filosofia de Keiji Nishitani**. Londrina: UEL, 2019. Universidade Estadual de Londrina, 2019, p. 10.

O conto da princesa Kaguya. Direção de Isao Takahata. Japão: Studio Ghibli, 2013 (137 min.). Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse>>. Acesso em: 26/02/2021.